



Maria
Lealdina

Versão final reescrita pela própria entrevistada, com base na transcrição inicial da gravação vídeo. O texto final foi dactilografado na máquina de escrever que sempre usou no Centro Vidreiro e que lhe foi oferecida quando abandonou a empresa.

Nasci em 1930, na casa de minha avó materna. Os seus nove filhos, incluindo minha mãe, faleceram num curto espaço de tempo (epidemia).

Órfã, sem outra companhia, foi à minha avó que chamei de mãe e amei como tal. Quando completei oito anos, minha avó, com as lágrimas a caírem-lhe, disse-me "Precisas de uma boa educação e preparação para a vida, que já não te posso dar. Amanhã, vou entregar-te nas Freiras".

Instalações amplas, boas salas, capela e respectivo Capelão.

Lembro-me (período entre os 8 e os 15 anos) da acentuadíssima carência alimentar e severidade extrema das freiras. Ótima instrução. Prática religiosa assídua, de cujos frutos beneficiei durante toda a vida.

FREIRAS
(OLIVEIRA DE AZEMÉIS)

Aos 15 anos, empreguei-me no Centro Vidreiro. O Senhor Mateiro facilitou-me o horário, para que eu conseguisse fazer um curso profissional, direccionado à minha vida futura. Renunciei ao Liceu. Por "brio", nunca fiquei a "dever" horas de trabalho. Trabalhava antes e depois das aulas, sem horas de entrada nem de saída.

CENTRO VIDREIRO

Terminado o curso, iniciei o aprofundamento do Francês e Inglês e o estudo do Alemão. Seguiu-se Psicologia e vários outros. O meu desejo de saber era ilimitado, para ser útil ao Centro Vidreiro, de onde só saí após 50 anos e nove meses de trabalho, já com 66 anos de idade. Saí no mesmo dia em que o Senhor Mateiro saiu, após a transacção feita com os novos elementos. A minha gratidão para com o Senhor Mateiro não tinha limites. Mesmo assim, pergunto a mim própria se consegui



retribuir-lhe, por pouco que fosse, as provas de humanidade que me ajudaram a vencer a tristeza das lacunas da minha infância. Deus lhe pague!

CARREIRA PROFISSIONAL

Comecei no Centro Vidreiro, como recepcionista. Ao fim de um ano, passei para o escritório central, onde de manhã trabalhava na contabilidade. Ali senti que o meu curso me auxiliava bastante. Recordo-me também, com grande apreço, da ajuda que me dava o meu chefe de contabilidade, o Senhor Carlos Osório. À tarde, trabalhava com um jornalista, o Senhor Fernando Azevedo, chefe do sector da correspondência.

Sinto que dei o máximo na minha profissão, que fiz o melhor que pude e soube, por gratidão ao Senhor Mateiro.

Aprendi de tudo naquele escritório. Éramos 13 pessoas que trabalhávamos naquele enorme salão, cheio de luz natural, todo amplo, sem divisórias entre os diversos sectores.

Na metade da ala da esquerda, era a contabilidade. A outra metade destinava-se ao sector da correspondência.

Na metade da ala do meio do salão, encontrava-se a tesouraria, cujo chefe era o guardião do grande cofre e o responsável pelo "Livro Caixa". No resto dessa ala, funcionava a facturação.

Na ala da direita, estavam os serviços sociais : folhas de férias, de abono de família, cadastros de todo o pessoal, etc., etc. Ao fundo dessa ala, no canto, estava o PBX e a telefonista. Entre esta e os serviços sociais, havia dois grandes armários, estreitos, encostados à parede, com todo o arquivo do ano corrente, no final do qual era levado para a sala do arquivo geral, contígua ao escritório.

Por volta de 1954, depois de eu atingir aquela fonte de conhecimentos, o Senhor Mateiro, sem que eu contasse, deu instruções para que eu descesse para os gabinetes da então Gerência, pois sentiu que eu já poderia ser útil nas funções de secretária.

SOCIEDADE

Nessa altura, o Centro Vidreiro tinha cerca de 1000 pessoas. Fabricava artigos em vidro corrente e meio cristal, para os mercados português e ultramarino, sendo este último também muito importante. Eram artigos de ménage (utilidade e

adorno do lar, em vidro branco ou cores, e até em vidro doublé). Artigos para restaurantes, hotéis, bares e cafés. Para conservas de frutas e outras. Para laboratório, farmácia, perfumaria, escritório. Candeeiros de iluminação interior e iluminação pública. Faróis para automóveis, etc. etc.

Em 1954, a Sociedade continuava a ser por quotas, pertença do Sr. Mateiro e seu cunhado, o Sr. Aurélio Garrido, casado com uma irmã da mãe do Júlio Ramiro (filho único do Senhor Mateiro). Era uma sociedade familiar, todos amigos.

Em 1965, o Centro Vidreiro foi transformado em sociedade anónima; entrei para a sociedade, (pequeníssima accionista), somente para "fazer número".

O Centro Vidreiro tinha três fábricas, todas no concelho de Oliveira de Azeméis: "A Vidreira", no Lugar de Bustelo; "A Boémia", na Rua Francisco Abreu e Sousa; e "A La-Salette" (antiga fábrica de botões de vidro), na Rua Domingos José da Costa (junto ao Parque de La-Salette). Nos anos 60, esta última foi transformada pelo Senhor Mateiro, para fabricação de vidro de cor, para exportação para os Estados Unidos.

FÁBRICAS E EXPORTAÇÃO

O Senhor Mateiro ia muitas vezes a Lisboa, a reuniões com entidades oficiais, inclusivamente com o Grémio da Indústria Vidreira. Mesmo regressando tarde, não deixava de ir inspeccionar as fabricas, antes de entrar em casa.

A empresa tinha representantes ou agentes nas antigas colónias.

Chegamos também a exportar para a Grécia, produtos do ramo farmacêutico, mais propriamente tubos em vidro neutro, para ampolas (para injectáveis).

Entre as fabricas "A Boémia" e "A La-Salette", o Centro Vidreiro possuía uma olaria (cujo edifício ainda se vê, com uma enorme chaminé). Lá se fabricava todo o material refractário para os fornos de vidro, com barro importado da Alemanha.

OLARIA





**DIÁRIOS
(ESPÉCIE DE AGENDAS)**

O Senhor Mateiro tinha predilecção por estes Diários, onde em cada ano fazia ressaltar um tema. Começou no ano de 1950 e terminou no ano de 1990.

Antes do fim de cada ano, escrevia umas palavrinhas em cartão pessoal, que juntava ao cartão da empresa, sendo os Diários enviados aos Clientes, alguns fornecedores, entidades oficiais, aos amigos mais próximos, e entregues em mão aos encarregados e pessoal administrativo da empresa.

Antes do fim de cada ano, escrevia umas palavrinhas em cartão pessoal, que juntava ao cartão da empresa, sendo os Diários enviados aos Clientes, alguns fornecedores, entidades oficiais, aos amigos mais próximos, e entregues em mão aos encarregados e pessoal administrativo da empresa.

CASA DE LA-SALETTE

Entrei nesta casa, a 6 de Fevereiro de 1980. Em Janeiro de 1981, o Senhor Mateiro teve um problema cardíaco e esteve internado durante 15 dias, no Hospital de Aveiro. Na opinião do médico, precisava de mais uns dias, mas ele confidenciou-me que o Senhor Mateiro estava a dar ordens técnicas ao Administrador, como se estivesse a fazê-lo no Centro Vidreiro! Começou por mandar corrigir o sistema do ar condicionado, (que fazia muito barulho), explicando em pormenor o processo de facilmente se resolver o defeito. Outras “ordens técnicas” se seguiram. Então, a opinião do médico foi de que o Senhor Mateiro deveria regressar a casa, onde cumpriria as recomendações e tratamentos indicados. Assim foi.

Para o Senhor Mateiro poder sentir que estava a ser controlado pelo médico, foi-lhe imposta a obrigação de ir uma consulta mensal a Aveiro, durante meio ano.

Fez uma boa convalescença. Quando o tempo estava razoável, passeava no pátio da casa e dava a volta aos quintais, que eram grandes.

De vez em quando, para matar saudades, ia a pé à fábrica (“A Boémia”), acompanhado pelo cãozito vadio, sem raça, que o Senhor Mateiro tinha recolhido, e que se lhe afeiçoou.

Ao completar o primeiro ano deste “acidente”, os “trabalhadores” mandaram



perguntar se o Senhor Mateiro não tomaria a mal que eles se organizassem voluntariamente, em dia de descanso, e fossem em peregrinação a Fátima (em autocarros), agradecer a Nossa Senhora pela recuperação do Senhor Mateiro. A iniciativa não foi contrariada. Os familiares e outras pessoas alheias ao Centro Vidreiro, juntaram-se-nos.

Depois de tudo assente, telefonei ao Senhor Padre Reitor de Fátima (Basílica), pedindo licença para que o coro da fábrica cantasse os cânticos da liturgia desse dia. Autorizou, visto ser um sábado e haver pouco movimento nessa altura. Um dos nossos também se ocupou do órgão pequeno. Foi emocionante.

Na Homília, na Missa, o Senhor Padre Reitor fez referência ao facto de “estas pessoas”virem dar um testemunho raro nos tempos que correm, em que os operários perseguem os patrões enquanto esta boa gente veio agradecer pelo restabelecimento do seu patrão”. E terminou: “Deus e N^a Sr.^a vos abençoe a todos”.

O Senhor Mateiro ainda voltou a liderar o Centro Vidreiro durante mais 19 anos. Faleceu em 22 de Janeiro de 1999. Tinha nascido em 11 de Março de 1909.

Na minha opinião, a obra social do Centro Vidreiro foi e é a coroa de glória do Senhor Mateiro, pois foi nela que manifestou em pleno o seu espírito de solidariedade, de humanidade, tanto mais que “os tempos eram muito difíceis” para os operários de então. De toda a Obra Social, destaco aqui:

OBRA SOCIAL

Em 1940, construiu o BAIRRO HABITACIONAL DO CENTRO VIDREIRO cujas rendas foram sempre simbólicas. Casas geminadas, de r/c e 1^o andar, todas construídas em pedra, extraída da pedreira local (toda aquela região era pedreira). Dos alicerces ao telhado, são em pedra, o que contribui para que, ainda hoje, estejam em muito bom estado.

Antes da transacção feita com os “novos donos” do Centro Vidreiro, em Outubro de 1996, o Senhor Mateiro achou interessante que cada morador comprasse ao Centro Vidreiro a sua própria casinha. A adesão foi de 100%. O Senhor Mateiro estabeleceu preços também simbólicos e foi ele próprio, com cada comprador, assinar a escritura no Notário.

Em 1946, o Senhor Mateiro pôs a funcionar, na fábrica “A Vidreira” e na “A Boé-



mia”, creches/infantários, onde as operárias entregavam os bebés, no momento da entrada para o trabalho. Diariamente, em três períodos de meia hora cada, tinham licença para deixarem o trabalho e irem dar assistência de aleitação ou outra que pretendessem aos seus bebés. Terminado o trabalho, as mães só tinham de pegar nas crianças, já devidamente limpas pelas funcionárias que se ocupavam carinhosamente delas, durante todo o dia. Acrescento que todas as despesas relativas à creche, mesmo o tempo em que as mães abandonavam o trabalho para estarem com os seus pequeninos, eram de conta do Centro Vidreiro. Foram estas as primeiras creches industriais gratuitas no nosso país!

Nos serviços médicos, o Senhor Mateiro facilitou também a vida aos seus operários. Em 1946, quando comecei a trabalhar no Centro Vidreiro, já os seus consultórios funcionavam com três médicos, (em rotação), mais um enfermeiro e uma enfermeira, tudo pago pelo Centro Vidreiro, inclusivamente o tempo que perdíamos na consulta.

Também por volta de 1946, pôs a funcionar uma “COLÓNIA BALNEAR”, na Praia do Furadouro (Ovar), toda equipada, desde os móveis às louças da cozinha e refeitório, às roupas das camas e banho. Dela beneficiaram, durante largos anos, as crianças do Centro Vidreiro, as dos Bombeiros de Oliveira de Azeméis e outras crianças deste concelho, e ainda de S. Martinho da Gândara, Junqueira, Vale de Cambra, Ovar e outras localidades, em turnos de 21 dias completos de 1 de Maio a fins de Outubro. No turno do Centro Vidreiro, em tempo de férias, eu também ia ajudar a tomar conta de quase 80 crianças.